

ENTRECRUZAMENTOS: HISTÓRIA INSTITUCIONAL DA ABEC E DOS SABERES DA ARTE FUNERÁRIA NO BRASIL

Maria Elizia Borges¹
Doutora em Artes
Universidade de São Paulo - USP
maelizia@terra.com.br

Resumo: Ao recuperar a memória da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), pretendemos demonstrar a presença e a inserção crescente na entidade de historiadores da arte ou de áreas afins que pesquisam cemitérios no país. Sabe-se que, apesar de a arte cemiterial ter sido um assunto rejeitado pela crítica até meados do século XX, tornou-se um local de registro de alguns artistas modernistas. As comunicações dos pesquisadores na ABEC buscam priorizar o levantamento das representações iconográficas contidas nesse espaço peculiar e também justificar a preservação e a recuperação desse tipo de patrimônio artístico. Uma instituição de caráter interdisciplinar como a ABEC contribui para a compreensão dos sentimentos de amor e de dor do homem moderno diante da morte e também para a necessidade de resgatar-se o cemitério como lugar de “memória-vivida”.

Palavras-chave: Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais; história da arte; arte funerária; Brasil; século XXI.

Abstract: Recovering the memory of the Brazilian Association of Cemetery Studies (ABEC), we demonstrate the presence and the growing insertion in the institution of art historians and related areas that researches cemeteries in the country. It is known that funerary art was a subject ignored by critics until the middle of the twentieth century, where it became recorded in cemeteries by some modernist artists. The communications of researchers at ABEC seek to prioritize the survey of the iconographic representations contained in this particular space and also to justify the preservation and communication of this type of artistic heritage. An entity of an interdisciplinary character such as ABEC contributes to the understanding

of modern man's feelings of love and pain in the face of death, and also the need to highlight the cemetery as a place of "lived memory."

Keywords: Brazilian Association of Cemetery Studies; art history; funerary art; Brazil; 21st century.

Artigo recebido em: 15/04/2017
Artigo aprovado em: 10/11/2017

¹ Pesquisadora de produtividade do CNPq. Professora do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Tem artigos sobre a arte funerária no Brasil, publicados no país e no exterior.

Relevância da arte funerária

“Dormir? – Só dorme o frio cadáver, que não sente; a alma voa e se abriga aos pés do onipotente.”

(Alexandre Herculano)²

As sábias palavras do historiador, jornalista e poeta português (1810-1877) Alexandre Herculano, destacadas na epígrafe, traduzem bem o pensamento de uma pessoa católica envolvida com as ideias literárias do romantismo vigente no século XIX. Nesse período, as pessoas católicas tinham o costume de deixar anotado nos seus testamentos em qual local da igreja queriam ser enterradas, uma escolha que dependia da posição social que ocupava, conforme determinação do clero local (SANTOS, 2011).

O processo de secularização dos cemitérios brasileiros só foi concretizado em sua plenitude no período da Primeira República (1890-1930), momento em que foi encerrada a disputa entre a Igreja e o Estado pelo corpo do morto. Normalmente, os cemitérios secularizados eram construídos em lugares afastados do centro da cidade, cabendo então à instituição pública demarcar o lugar específico do morto, isto é, a “Cidade dos Mortos”, considerado um dos locais simbólicos da sociedade moderna. Aos poucos a “Cidade dos Vivos” foi convivendo com esse novo espaço.

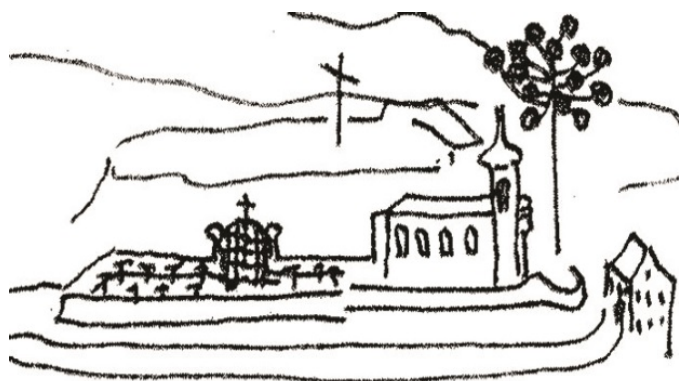
No período entre o fim do século XIX e início do século XX, alguns artistas brasileiros registraram em suas obras vistas de cemitérios secularizados alojados nas paisagens das cidades. Para citar algumas delas como exemplo, escolhemos primeiramente a obra “Vista do Cemitério”, do pintor Victor Meirelles de Lima (1832-1903), exibida na 26ª Exposição Geral de 1884, realizada na Academia das Belas Artes, no Rio de Janeiro. Trata-se de um cemitério de “variante de paisagem”, assim especificado pelo jornalista e escritor Félix Ferreira (2012), que em sua crítica enaltece a obra e a apresenta como desprovida de preconceito quanto ao que foi nela representado. Acreditamos ser essa a primeira crítica do gênero no Brasil.

² Essa inscrição consta do mausoléu de Alexandre Herculano, instalado no Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa, Portugal, e foi extraído do poema de sua autoria “O Soldado”.

O Cemitério, do Sr. Victor Meirelles, não é precisamente nenhum dos nossos, mas tem um pouco do de S. Francisco Xavier, o qual apresenta a rua principal, vista do fundo para frente. Ocupam as sepulturas pequenas parte do quadro, de modo que as linhas retangulares das jazidas não cansam a vista, mas antes dão ensejo a admirar alguns contrastes do granito e do mármore, feitos com uma verdade digna de nota. A morada dos mortos, na composição do Sr. Victor, não tem o sombrio pesado e a esmagadora melancolia das antigas Necrópoles, mas esse ar ameno, quase risonho dos nossos cemitérios, plantados de arbustos florescentes e vistosas palmeiras. (...) Espero por isso vê-lo em breve no seu ateliê retocando mais um quadro do gênero dessa tela que lhe deu nome e lhe abriu as portas da posteridade. (FERREIRA, 2012, p. 228-229)³

Outro exemplo em que o cemitério aparece na paisagem é o desenho do artista Alberto da Veiga Guignard (1896-1962). Com traços leves, contínuos e delicados, que transitam entre o real e a fantasia, ele desenha um modelo de igreja barroca de Ouro Preto – cidade pela qual se encanta e onde foi enterrado. A igreja aqui representada está instalada em um dos topos de uma montanha da cidade e traz o cemitério na parte posterior, instalado conforme o costume da época colonial (Figura 1)⁴.

Figura1: Desenho de Alberto da Veiga Guignard.



Fonte: reprodução enviada por uma pesquisadora; sem local de identificação da obra.

³ Infelizmente não tivemos acesso à referida obra.

⁴ Atualmente as irmandades religiosas das cidades históricas do estado de Minas Gerais ainda mantêm o hábito enterrar seus irmãos nos cemitérios contíguos às igrejas.

Já o artista Cândido Portinari (1903-1962), com obras que referendam as reminiscências da sua infância, resgata uma memória interiorana ao retratar, em 18 telas, crianças jogando futebol em vários locais da sua cidade natal. Uma delas é “Futebol em Brodósqui”, datada de 1935 (Figura 2). Ali está 11 crianças jogando uma pelada de futebol, relativamente próximos de sua casa, e na qual podemos avistar o cemitério do lado esquerdo, todo murado. O campinho improvisado perto do cruzeiro é de terra vermelha, evidenciando assim características geográficas da região. A ação das crianças mistura-se com o lugar onde os animais estão naquele fim de tarde. Trata-se de uma paisagem suburbana da cidade, registrada segundo uma visão bucólica e idealizada, na qual o artista representa, com cores fortes e contrastantes, a memória social ali expressa pelas crianças.

Figura 2 – “Futebol em Brodósqui”. Óleo /tela, 1935. 97 x 130 cm



Fonte: Andriolli (2012)

O mesmo cemitério da Figura 2 também é desenhado como paisagem de fundo em outra obra de Portinari, de 1937, que retrata Ângelo Bobo (Figura 3), um andarilho da região que possuía problemas de deficiência mental e assustava as crianças do local (PORTINARI, 1980, p. 70).

Figura 3 – “Ângelo Bobo”. Desenho com grafite/papel, 1937, 34 x 48 cm



Fonte: Portinari (1980).

Ao selecionarmos essas quatro obras, nosso intuito foi explicitar o quanto a produção artística desses pintores estava condizente com o seu momento histórico, além de terem registrado, sem preconceito, esse espaço que faz parte da vida cotidiana da cidade, mas sobre o qual quase todos evitam refletir: o cemitério. Os historiadores e os críticos de arte moderna não tiveram como excluir a temática da morte de seus estudos, em função da produção de artistas que abordaram as questões da guerra e de mortes pontuais, acercando-se das questões culturais. Todavia, foram omissos durante um bom tempo com relação ao espaço funerário e à produção artística ali instalada.

Para o sociólogo Clarival do Prado Valladares (1972, p. XXXVII), “o assunto [cemitério] era desprezível, normalmente rejeitado pelos estudiosos, a não ser para fins de arrolamento de obras sempre em relação ao interesse de catálogo e biografia”. Assim ocorreu com o primeiro estudo dedicado a Rodolfo Bernardelli (1852-1931), realizado por Celita Vaccani em 1950; com as críticas de rejeição que Mario de Andrade fez sobre as obras contidas no Cemitério da Consolação em 1927, ao mitificar os monumentos de estilo moderno realizados por Victor Brecheret; e com as citações de Daisy Peccinini sobre a produção funerária de Victor Brecheret (1894-1955) em 1969, em sua tese de doutorado (BORGES, 2002, p.3). Sabemos, entretanto, que no início do século XX o cemitério era o local mais visitado de uma cidade e guardava um ideário estético eclético que servia de orientação artística para uma população leiga.

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS SABERES FUNERÁRIO

Assim como no Brasil, o estudo da arte funerária na Europa e nos Estados Unidos também foi discriminado por um bom período de tempo. A partir da década de 1960, os historiadores partidários da Nova História deram início à interpretação das imagens como peças fundamentais para o processo de construção do conhecimento histórico. Do mesmo modo, os historiadores das mentalidades, tais como Philippe Ariès e Michel Vovelle, começaram a compreender o significado das atitudes dos homens diante da morte. Para tanto, utilizaram uma variedade de fontes iconográficas, uma das quais a arqueologia dos cemitérios urbanos dos séculos XIX e XX, que os ajudou a compreender as sensibilidades dos homens burgueses diante da laicização da sociedade moderna em torno da morte (BORGES, 2013, p. 109).

No Brasil, o pioneirismo nas pesquisas sobre os cemitérios recaiu sobre a pessoa do sociólogo Clarival do Prado Valladares, ao editar em 1967 o livro *Riscadores de milagres: um estudo sobre arte genuína*. O autor pesquisou os cemitérios dos pobres e dos ex-votos voltados à devoção de Nosso Senhor do Bonfim e instalados na região da Quinta dos Lázaros, na cidade de Salvador (BA). Valladares (1967) dá destaque à produção dos artesãos que construíram jazigos e campas de modelo simples, condizentes com o gosto popular regionalista. Em 1972, o autor publicou *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*, obra que contém um denso levantamento iconográfico e historiográfico de cemitérios de várias partes do país, e na qual procurou demonstrar a correlação entre a estrutura histórico-social e a arte funerária resultante dela. A obra tornou-se referência nacional para os estudiosos da área (BORGES, 2013, p. 110).

Destacamos que os historiadores da arte só vieram a falar sobre o valor artístico da arte funerária bem depois dos historiadores das mentalidades, isto é, em 1979, durante o 24º Congresso Internacional de História da Arte, realizado em Bologna, na Itália. Uma das sessões do evento foi destinada à escultura do século XIX e contou com três comunicações sobre a produção funerária, considerada como de grande valor artístico. Na oportunidade, os autores versaram sobre os monumentos funerários realizados por Antônio Canova (1757-1822) e escultores simbolistas italianos e ingleses (BORGES, 2013, p. 116).

Na década de 1970 iniciou-se a criação de instituições que tinham o intuito de promover encontros entre pesquisadores de áreas afins que estudavam os cemitérios. Citamos o caso da

Association for Gravestone Studies, fundada nos Estados Unidos em 1977. Desde então, essa associação promove anualmente congressos, *workshops* em cemitérios, edita revistas anuais de caráter acadêmico e vende livros, sempre preocupada em propagar e ampliar o número de cemitérios norte-americanos.

Em 2000 surgiu em Medellín (Colômbia) a Red Iberoamericana de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales, uma associação que visa valorizar o patrimônio funerário da América Latina, procurando adotar parâmetros para encaixá-lo no Sistema Nacional de Museus. Além de promover encontros anuais em países da América Latina, a entidade busca seguir os parâmetros estabelecidos pela Carta Internacional de Morelia de 2005, escrita na referida cidade do México. Ela tem o propósito de reafirmar o direito cultural dos espaços funerários, valorizando-os e protegendo-os em âmbito internacional, segundo recomendações da UNESCO (APUNTES, 2005, p. 154- 157).

Em 2001 foi criada a Association of significant Cemeteries in Europe (ASCE), uma associação de administradores de cemitérios particulares que visa obter o reconhecimento dos cemitérios europeus como bens culturais. O livro *Guida Cimiteri D'Europa. Un patrimonio da conoscere e restaurare* (FELICORI; ZANOTTI, 2004) é fruto do trabalho dessa entidade, que se propõe proteger e restaurar 59 cemitérios que lhe estão vinculados. No livro, os autores apresentam o levantamento histórico desses cemitérios e quatro experiências inovadoras de restauro advindas do projeto Scene, instalado na cidade de Bologna, Itália (BORGES, 2016).

Mediante o conhecimento esparso sobre essas instituições e a troca de informações entre o geógrafo Eduardo Resende Coelho e esta autora, iniciada em 2003, dispusemo-nos à realização do primeiro encontro de pesquisadores cemiteriais do Brasil, que viria a ser coroado com a instalação da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) em 2004, na cidade de São Paulo. O nosso objetivo era agrupar pesquisadores que já conhecíamos e estudavam os cemitérios nas diversas áreas das Ciências Humanas. Sabíamos da necessidade de realizar um intercâmbio de pesquisas entre nós e estávamos conscientes das dificuldades que a academia possuía de assimilar tal assunto, pois muitos de nós pertencíamos a ela, seja como professores, seja como mestrandos e doutorandos. Como o assunto acarreta, em um primeiro momento, certo estranhamento, tivemos de aprender a contornar tais situações continuamente, pois a sociedade atual ainda tem dificuldade de assimilar a forte carga simbólica agregada ao cemitério. Esse

primeiro encontro permanece tanto como uma parte viva nas nossas lembranças quanto uma parte do esquecimento, vulnerável a repentinas revitalizações.

ARTE FUNERÁRIA: UM ESPAÇO DE FALA NA ABEC

Os primeiros membros da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) uniram-se, então, para criar estratégias que apontassem o reconhecimento, a consolidação e a viabilização das pesquisas na área e, conseqüentemente, a recuperação dos cemitérios brasileiros como patrimônio cultural material e imaterial da sociedade. Para Pierre Nora (1997, p. 13), as necrópoles são “lugares dominados” que guardam santuários de fidelidade espontânea, oposto ao que ocorrem com os monumentos públicos, que são “lugares dominantes” impostos.

A representação visual do cemitério está conectada ao esvaziamento da vida e, diante do fato, ficamos perplexos e temos dificuldade de ver além do objeto ali representado. Mas o cemitério também está associado à vida, pois abriga uma rede articulada de identidades diferentes, uma organização consciente da memória individual e coletiva que nos faz tomar consciência de seu significado cultural desencadeado pela memória histórica (HALBWACHS, 2004). Cabe, então, à associação, agrupar e incentivar os vários modos de saber sobre esse espaço peculiar (BORGES, 2009).

Em 2017, durante o VIII Encontro da ABEC, ocorrido em Florianópolis, comemoraram-se os 13 anos de existência da entidade, ocasião em que pudemos fazer um balanço dos eventos anteriores. Com os dados apresentados no Quadro a seguir, levantamos alguns apontamentos sobre a inserção do estudo da arte funerária no evento; o reconhecimento da contribuição da metodologia investigativa da História da Arte para a arquitetura, a fotografia e a escultura; e o caráter interdisciplinar das pesquisas ali apresentadas.

Quadro – Relação de eventos da ABEC

	Local e data	Exposições	Conferencistas	Apresentações artísticas	Visitas guiadas	Mesas de trabalho e comunicações	Diretoria
1ª ABEC	Geografia FFLCH-USP – São Paulo 16 a 19 novembro/2004 USP/ DP Geografia e IEB Recepção: Eduardo Coelho M. Rezende	Cemitério de Vila Formosa (SP) - A produção das marmorarias do Estado de São Paulo Sec. XIX e XX	Dr. José Pereira de Queiroz Neto (Geógrafo USP)	-	Cemitério da Consolação	Total: 28 1 – Cemitério: Campo da Geografia e História 2 – Cemitério: Espaço da arquitetura, Escultura, Fotografia e Pintura 3 – Cemitério: Local de memória, Turismo e ação educativa 4 – Cemitério: Local de Memória e Preservação	Presidente: Eduardo Coelho M. Rezende; vice-presidente: Thiago Nicolau de Araújo
2ª ABEC*	FFCH – PUCRS, Porto Alegre 20 a 22 julho/2006 PUCRGS Recepção: Dr. Thiago Nicolau de Araújo	Painéis sobre os Cemitérios do Rio Grande do Sul	Dr. Draiton Gonzaga de Souza (Diretor da FFCH); Prof. Harry Rodrigues Bellomo (PUC-RS/ ABEC); Dr. Maria Elizia Borges (UFG-ABEC)	-	Cemitério da Santa Casa de Misericórdia	Total: 42 1 – Cemitérios como espaço geográfico arquitetônico e Arqueológico 2 – Cemitérios como espaço histórico 3 – Cemitérios como espaço sociológico e antropológico 4 – Cemitério como fonte histórica 5 – Cemitério como espaço artístico, fotográfico e de turismo	Presidente: Eduardo Coelho M. Rezende; vice-presidente: Thiago Nicolau de Araújo
3ª ABEC	Museu Antropológico da UFG – Goiânia 15 a 19 julho/2008 UFG/FAV Recepção: Dra. Maria Elizia Borges e Dra. Alcineia Santos	Fotografias de Samuel Vaz e Rafael Castanheira. Galeria de Arte Marina Potrich	Dr. Miguel A. M. Arellano (IBICT/MCT – LTI.)	A Morte, por um contorcionista- Iderlan da Silva; Musical – Vinicius Linhares, EMAC/UFG	Cemitério São Miguel, Cidade de Goiás	Total: 48 1 – Cemitério como espaço de representação social 2- Cemitério como espaço de identidade, patrimônio e memórias 3- Cemitério como espaço secularizado 4- Cemitério como espaço geográfico e arquitetônico 5 – Cemitério como espaço artístico	Presidente: Maria Elizia Borges; Vice-presidente Clarissa Grassi

	Local e data	Exposições	Conferencistas	Apresentações artísticas	Visitas guiadas	Mesas de trabalho e comunicações	Diretoria
4ª ABEC	Armazém da Cultura "Maria Dirce Camargo"- Piracicaba (SP) 20 a 23 julho/ 2010 SEMAG/Grupo Bom Jesus Recepção: Paulo Renato Tot Pinto e Eduardo Gabriel	-	Dra. Cláudia Catalina Velasquez Parra. (Cemitério San Pedro, Medellín/Colômbia)	Peça Teatral-Grupo Cemiterium, Porto Alegre (Direção Kate Fabiani Rigo)	Cemitério da Saudade, Piracicaba; Cemitério do Campo, Cidade de Sta. Bárbara D'Oeste	Total: 40 1 – O cemitério sobre o ponto de vista patrimonial e histórico 2 – A memória nos cemitérios secularizados 3 – Manifestações culturais em cemitérios brasileiros 4 – ritos e mitos sobre a morte e cemitérios. 5 – Estudos de Saúde pública em cemitérios brasileiros	Presidente: Maria Elizia Borges; Vice-presidente Clarissa Grassi
5ª ABEC	Hotel Vila Velha, Salvador (Parceria com a RED) 15/10/2011 UFG/FAV Recepção: Cibele de Matos Mendes e Ernesto Carvalho	-	Representante da Irmandade da Boa Morte da Cidade de Cachoeiras, BA -	Grupo de dança Afro GEGENAGÔ, cidade de Cachoeiras, BA	Cemitério Campo Santo e Cemitério dos Ingleses	Total: 58 1 – O cemitério como espaço de cultura 2- O cemitério e sua dimensão patrimonial 3 – O cemitério como espaço artístico e arquitetônico 4- Cemitério: religiosidade, culto e devoção. 5 – O cemitério como laboratório de pesquisa histórica; 6 – O cemitério como espaço privado e/ ou público	Presidente: Maria Elizia Borges; Vice-presidente Clarissa Grassi
6ª ABEC	Universidade do Estado de Minas Gerais, Cidade de Belo Horizonte 12/07/2013 UEMG Recepção: Dra. Marcelina das Graças Almeida	Patrimônio, Memória e arte: Diálogos interdisciplinares sobre a morte e o culto aos mortos	Dra. Adalgisa Arantes Campos (UFMG)	-	Cemitério do Bonfim, BH	Total: 40 1 – Patrimônio. 2- Memória 3- Arte Tumular. 4- Morte e morrer. 5 – Culto e religiões.	Presidente: Clarissa Grassi. Vice-presidente Dra. Elisiana Trilha Castro
7ª ABEC	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Rio de Janeiro 20 a 23 julho/2015 UNIRIO Recepção: Dra. Claudia Rodrigues	Cemitérios como patrimônio: Conceitos, métodos e abordagens	Dr. Renato Cymbalista, (USP/SP); Dra. Marcia Chuva (UNIRIO)	-	Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro	Total: 36 1 – Arte e escultura cimiterial 2 – Estudo sobre túmulos individuais e coletivos. 3 – Criação e cemitérios públicos no império. 4 – Cemitérios públicos na república. 5 – Sepulturas, cemitérios e dinâmicas sociais. 6 – Morte, mortos e memória. 7 – Cemitérios como lugar de memória 8 – cemitério, patrimônio e patrimonialização	Presidente: Clarissa Grassi. Vice-presidente Dra. Elisiana Trilha Castro

Fonte: Programa e resumos dos Encontros da ABEC (2004; 2008; 2010; 2011; 2013; 2015).⁵

Podemos observar que, em todos os sete eventos, tivemos uma mesa específica para o estudo da produção artística em cemitérios brasileiros no âmbito da arquitetura, da escultura, da fotografia e da pintura. A cada evento percebemos a ampliação de pesquisadores voltados para essas questões, além de nós que já estamos envolvidos com o estudo da escultura funerária há mais de 20 anos. Citamos alguns membros da ABEC ligados a essa linha de pesquisa os historiadores: Harry Rodrigues Bellomo (PUCRGS); Marcelina das Graças de Almeida (UEMG, Escola de Design); Maristela Carneiro (UFMT- Mato Grosso); Thiago Nicolau de Araújo (ESGV- Rio Grande do Sul); Henrique Sérgio de Araújo Batista (pesquisador

⁵ No segundo e terceiro encontro da ABEC, contamos com a participação da Profa. Dra. Antônia Rizzo e de seu grupo de investigação, pertencentes aos quadros da Universidad Nacional de La Plata (UNLP), Argentina.

autônomo, Rio de Janeiro); Viviane Comunale (doutoranda- São Paulo); e Elaine Maria Tonini Bastianello (Doutoranda- Bagé).

O olhar voltado para o espaço cemiterial como patrimônio material e imaterial também comparece com um crescente aumento do número de pesquisadores que realizam inventários em suas localidades. Mencionamos os membros da ABEC: Elisiana Trilha Castro (pesquisadora autônoma de Santa Catarina); Cibele Mattos Mendes (pesquisadora autônoma da Bahia); Fabiana Comerlato (UFR da Bahia); Julia Massucheti Tomasi (pesquisadora autônoma de Santa Catarina); Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho (UFPeL, Pelotas).

Na qualidade de uma associação que agrega pesquisadores voltados a áreas bem específicas, também tivemos a oportunidade de ouvir algumas comunicações de arquitetos e historiadores da arte que se apresentaram na ABEC, pois, apesar de não serem filiados a ela, pesquisaram temas afins em algum período de suas vidas, como é o caso dos arquitetos Ernesto Regino Xavier de Carvalho (Bahia) e Anna Maria Rahme (GMP/FAU/USP-São Paulo); das historiadoras da arte Silvana Brunelli Zimmermann (São Paulo) e Paula Andrea Caluff Rodrigues (IPHAN, Belém); e da historiadora de moda Miriam da Costa Manso Mendonça (FAV/UFMG).

Acreditamos que o resultado da curva ascendente da produção de trabalhos acadêmicos voltados para a área de história da arte funerária e apresentados na ABEC advém da década de 1980, quando proliferaram no país programas de pós-graduação que incentivavam uma produção artística voltada a interesses regionais. Assim foram incluídos recortes temporais e geográficos significativos vinculados à arte funerária do Brasil. Citamos como exemplos, as pesquisas do historiador Harry Rodrigues Bellomo e de seu grupo de estudo sobre a estatuária funerária em Porto Alegre e a nossa, sobre a produção dos marmoristas de Ribeirão Preto no período da Primeira Republica e, conseqüentemente, as orientações afins que realizamos nos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Goiás a partir de 1996.

Muitos mestrandos e doutorandos apresentaram suas pesquisas na ABEC analisando o teor artístico de alguns monumentos e fotografias, como é o caso da Débora Rodrigues Borges (PUC Goiás); Maria Aparecida Borges de Barros Rocha (Cuiabá); Daniel Teixeira Meirelles

Leite (Porto Alegre); Alcineia Rodrigues dos Santos (Natal); Deuzair José da Silva (UEG, unidade de Jussara); Dimas dos Reis Ribeiro (UFMA, Campus Pinheiro).

No 4º Encontro da ABEC, realizado na cidade de Piracicaba (SP) em 2010, foi lançado o livro *Estudos Cemiteriais no Brasil. Catálogo de livros, teses, dissertações e artigos* (BORGES; SANTOS; GOMES, 2010), que traz o levantamento de pesquisas relacionadas com o espaço do cemitério e realizadas por historiadores, historiadores da arte, sociólogos, geógrafos, antropólogos e arquitetos. Todas essas áreas do conhecimento foram contempladas nas mesas preponentes da ABEC.

A entidade propicia a seus membros contato com outras associações, e muitos de nós tivemos a possibilidade de publicar e comunicar nossas pesquisas nos congressos internacionais realizados pelo grupo de pesquisadores e especialistas do estudo “Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo Ibero-Americano”, que é uma linha de pesquisa do CNPq. Esse estudo, do qual também participamos, é coordenado por Cláudia Rodrigues e está sediado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Criou-se uma parceria entre esse grupo de estudo e o da ABEC e a referida pesquisadora Cláudia Rodrigues também é membro da ABEC. A Associação Nacional de Pesquisadores em Artes (ANPAP) e o Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), por sua vez, também são constituídos por alguns membros vinculados à ABEC. O entrecruzamento desses eventos acadêmicos é sempre muito salutar para o historiador da arte no Brasil.

Dada à extensão territorial de nosso país, somente com os eventos da ABEC podemos ir fazendo trocas de conhecimentos com pesquisadores advindos das várias regiões brasileiras. Vamos assim, aos poucos, levantando uma série de descobertas sobre as inúmeras maneiras de se construir um monumento funerário: desde aqueles instalados em “museus a céu aberto” até os que estão alojados de forma precária e peculiar em lugarejos de pouco acesso. Enfim, concluímos que ainda sabemos pouco sobre os tipos de artefatos funerários existentes nos cemitérios secularizados no Brasil.

Pelo número de apresentações em cada encontro, podemos considerar uma média ponderada de 41,7% de pessoas na somatória dos eventos, percentual que consideramos representativo para uma associação de porte pequeno. Mas surge a indagação: ela deve permanecer

pequena ou crescer? Atentamos que ela ainda não está cadastrada em órgãos oficiais que viabilizam verbas para realização do evento. E aí novamente indagamos: haveria necessidade de criar-se essa estrutura? São questões aqui levantadas que devem ser discutidas entre os membros da ABEC e que implica na criação de ações concretas, tais como a definição de um local como sede fixa e a viabilização do registro da entidade em um cartório oficial.

Esses encontros são gratificantes, constituem um momento para nos reciclarmos, refletirmos e analisarmos a necessidade de preservar e recuperar os cemitérios brasileiros. Diríamos que a ABEC agrega pesquisadores que demonstram dedicação e perseverança no que se propõem a pesquisar. Sabemos o quanto a morte e o morrer suscita inquietação no homem (ELIAS, 1998), que tem consciência de que somos os únicos animais que cultuamos os nossos mortos. Assim, temos o cemitério como campo simbólico que agrupa monumentos dotados “por uma sobreposição de significantes (cadáver vestido, caixão, pedra tumular, epitáfios, estátuas, fotografias etc.) que induz metaforicamente à aceitação da incorruptibilidade do corpo”, conforme atesta o historiador Fernando Catroga (1999, p. 15). Há então um manancial grande de artefatos a serem compreendidos por nós, contribuindo assim para recordar a nossa “memória-vivida” e a dos “outros” e reconhecer os cemitérios como “espaços públicos” que registram “lugares de memória”.

Referências bibliográficas:

ANDRIOLLI, Aluisio de Almeida. *Portinari: as cores em suas obras sobre futebol*. 2012. Disponível em <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Comunicacao_2012/Pesquisa_e_PosGraduacao/Anais_I_I_Encontro_Arte_Educacao_e_Formacao_Continuada/ANDRIOLLI_AluisioAlmeida.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2017.

APUENTES. Cemitérios Patrimoniales de América Latina. *Carta Internacional de Morelia. Relativa à cementerios patrimoniales y arte funerário*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana. V. 18, n. 1-2, 2005, p. 154- 157.

BORGES, Maria Elizia. Arte Funerária no Brasil: Contribuições para a historiografia da Arte Brasileira. In: XXII COLÓQUIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 2002. *Anais...* Porto Alegre, PUCRS, 2002. 1 CD-Rom.

_____. *Las memorias de la ABEC y los memorables cementerios del Estado de São Paulo (Brasil)*. In: X ENCUENTRO IBEROAMERICANO DE VALORIACIÓN Y GESTIÓN DE CEMENTERIOS PATRIMONIALES “MEMORIA, MEMORIALES Y MEMORABLES”. Medellín, Colômbia, 2009. 1CD-Rom.

_____. Arte Funerária no Brasil: uma pesquisa peculiar no campo das artes visuais. In:

LOCUS: Revista de História. Percursos do olhar: caminhos da pesquisa nas trilhas da visualidade. Juiz de Fora, v. 37, n. 01, p. 103- 23, 2013.

_____. O Cemitério como “Museu a céu aberto”. In: VII CONGRESSO INTERNACIONAL IMAGENS DA MORTE. TEMPOS E ESPAÇOS DA MORTE NA SOCIEDADE. 2016 São Paulo: FAUUSP, 2016. 1 CD-Rom.

_____. SANTOS, Alcineia Rodrigues dos; GOMES, Laryssa Tavares Silva (Orgs). *Estudos Cemiteriais no Brasil: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos*. Goiânia: UFG/FAV/Ciar/Funape, 2010.

CATROGA, Fernando. *O céu da memória. Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756- 1911)*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.

ELIAS, Norbert. *La Solitude des Mourants*. Paris: Christian Bourgeois Éditeur, 1998.

HERCULANO, Alexandre. *O soldado*. In: Kindle Edition: e Book digital. Amazon. Acesso em 10 de agosto de 2017.

FELICORI, Mauro; ZANOTTI, Annalisa. *Guida Cimiteri D'Europa. Un patrimonio da conoscere e restaurare*. Bologna: Comune di Bologna, 2004.

FERREIRA, Félix. *Belas Artes: estudos e apreciações*/Felix Ferreira. Introdução e notas de Tadeu Chiarelli. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

NORA, Pierre. *Entre mémoire et histoire: les lieux de mémoire*. v. 1. Paris: Gallimard, 1997.

PORTINARI, Antônio. *Portinari menino*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.

PROGRAMA E RESUMOS. I ENCONTRO SOBRE CEMITÉRIOS BRASILEIROS. São Paulo: IEB e DG/ FFLCH- USP, 2004.

PROGRAMA E RESUMOS. III ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS. Goiânia: UFG/FAV/Programa de Pós- Graduação em Arte e Cultura Visual , 2008.

PROGRAMA E RESUMOS. IV ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS. Goiânia: UFG/FAV/Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, 2010.

PROGRAMA E RESUMOS. V ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS. XII ENCUESTRO IBEROAMERICANO DE VALORACIÓN Y GESTIÓN DE CEMENTERIOS PATRIMONIALES. Goiânia: UFG/FAV/ Programa de Pós- Graduação em Arte e Cultura Visual, 2011.

PROGRAMA E RESUMOS. VI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS. PATRIMÔNIO, MEMORIA E ARTE: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A MORTE E O CULTO AOS MORTOS. Belo Horizonte: Escola de Design/ UEMG, 2013.

PROGRAMA E RESUMOS. VII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS. CEMITÉRIOS COMO PATRIMÔNIO: CONCEITOS, MÉTODOS E ABORDAGENS. Rio de Janeiro: PPGH- UNIRIO, 2015.

SANTOS, Alcineia Rodrigues dos. *O processo de dessacralização da morte e a instalação de cemitérios no Seridó, séculos XIX e XX*. Tese em História. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Riscadores de milagres: um estudo sobre arte genuína*. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Editora Vida Doméstica, 1967.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. 2 v. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura /Departamento de Imprensa Nacional. 1972.